

# As consequências dos déficits

ISABEL SAWHILL  
Do N.Y. Times

WASHINGTON — Quase diariamente ouvimos que os déficits são uma calamidade nacional. Apesar de eles serem assunto sério, não devemos exagerar suas consequências negativas para a economia. Se as sombrias consequências — que alguns predizem — deixarem de se materializar, uma complacência pública quanto aos verdadeiros perigos poderia facilmente ocorrer.

Ao contrário da expectativa popular, o desastre não é iminente. É bem verdade que uma repentina retirada do capital estrangeiro ou o colapso de uma grande empresa ou de um dos principais bancos poderia desencadear uma crise de crédito que colocaria a economia numa péssima situação, mas as probabilidades de que aconteça alguma coisa deste tipo são bastante pequenas.

Se os déficits não causam necessa-

riamente crise financeira, recessão ou inflação, por que toda esta confusão?

Os danos são principalmente de longo prazo e ocorrem sob três formas. Em primeiro lugar, as elevadas taxas de juros reduzirão os investimentos, levando, no decorrer de alguns anos, a uma menor formação de capital e a um menor crescimento econômico. Uma estimativa razoável, considerando-se as incertezas, é que os déficits contínuos por volta de 200 bilhões de dólares por ano irão reduzir o índice de crescimento anual em 0,2% no decorrer da próxima década. Portanto, se o índice de crescimento do produto nacional bruto ajustado à inflação está sendo projetado como de 3,5% na ausência dos déficits, será de 3,3% com eles. A maior parte dos efeitos negativos não deverão aparecer antes do final desta década e do princípio da próxima. E a maioria das pessoas dificilmente irá perceber a diferença, principalmente

porque elas não teriam qualquer referencial para comparar a experiência real com o que poderia ter ocorrido com uma política fiscal alternativa.

Um segundo problema associado aos déficits é o custo (cada vez mais elevado) dos serviços da dívida nacional. Uma vez que a dívida está expandindo-se em cerca de 200 bilhões de dólares por ano, o custo do financiamento disso aumenta cerca de 20 bilhões por ano (a juros de 10%), custo que depois ameaça forçar aumento ainda maior do déficit do ano seguinte. Sem forte crescimento econômico, reduções nos gastos ou impostos mais elevados, os déficits automaticamente aumentam todos os anos, devido aos gastos adicionais com juros, numa espiral que provoca sua continuidade.

Em terceiro lugar,

os déficits forçam o aumento do valor do dólar e deslocam o crescimento dos empregos e produção para longe de indústrias que competem nos mercados internacionais e em direção dos setores de serviços e outros campos protegidos do comércio exterior. Estes efeitos, a curto prazo, foram amplamente notados, mas nossas verdadeiras preocupações devem ser relacionadas com a possibilidade de esta situação criar uma vantagem competitiva a longo prazo para as empresas norte-americanas. Uma vez perdidas as oportunidades estratégicas, para entrar em novos mercados ou para ampliar participações de mercado, são difíceis de recuperar, e a melhoria dos nossos padrões de vida podem ser constantemente minados por erosão na nossa capacidade de manter contatos comerciais com outras nações em termos que nos sejam favoráveis.

Estes três problemas — menos formação de capital, explosão dos custos de juros e possível perda de vantagens

estratégicas nos mercados mundiais — são simultaneamente reais e sérias. Mas nada disto tem impacto muito imediato ou visível sobre o cidadão comum, e nada disto irá necessariamente impedir que a economia apresente resultado adequado ou bom, no decorrer do restante desta década.

A ênfase do problema do déficit, com o interesse de incentivar nossos líderes a agirem, é compreensível, mas os exageros, como sempre, são estratégia arriscada. Caso ocorra impasse político, mas a economia consegua sobreviver os próximos anos num estado de boa saúde, então os fornecedores de bens de consumo, que agora argumentam que os déficits não são importantes, estarão vingados e conseguirão obter novas adesões do público. Nessas alturas, o que restará para proteger nossos filhos dos verdadeiros perigos que esperam por eles?